

STAR WARS

AHSOKA

Star Wars: Ashoka

Copyright © 2016 by Lucasfilm Ltd. & [®] or [™] where indicated

All rights reserved. Published by Disney • Lucasfilm Press, an imprint of Disney Book Group.

Star Wars: Ahsoka é uma obra de ficção. Nomes, lugares e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

© 2020 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Gerente editorial

Marcia Batista

Assistentes editoriais

Letícia Nakamura

Raquel F. Abranches

Tradução

Guilherme Summa

Preparação

Jonathan Busato

Revisão

Tássia Carvalho

Arte e adaptação de capa

Valdinei Gomes

Diagramação

Vanúcia Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

J65s

Johnston, E. K.

Star Wars: Ahsoka / E. K. Johnston; tradução de
Guilherme Summa.

– São Paulo:Universo dos Livros, 2020.

384 p.

ISBN 978-85-5609-028-3

Título original: Star Wars – Ahsoka

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I.

Título II. Summa, Guilherme

20-2517

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803

CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

*Ao Royal Handmaiden Society. Somos corajosos,
Vossa Alteza.*

MANDALORE ARDEU EM CHAMAS.

Não por completo, é claro, mas o suficiente para que a fumaça preenchesse o ar ao seu redor. Ahsoka Tano respirou fundo. Ela sabia o que precisava fazer, mas não tinha certeza de que funcionaria. Pior ainda: não tinha certeza por quanto tempo iria funcionar, mesmo que funcionasse. Mas estava sem opções, e essa era a única chance que lhe restava. Ela estava lá com um exército e uma missão, como poderia ter feito quando ainda era Padawan de Anakin Skywalker. Provavelmente teria sido melhor se Anakin estivesse com ela.

- Tenha cuidado, Ahsoka - ele dissera antes de lhe entregar seus sabres de luz e sair correndo para salvar o chanceler. - Maul é traiçoeiro. E não tem nenhuma misericórdia.

- Eu me lembro - respondera, tentando reunir um pouco da ousadia que lhe valera o apelido de Abusada quando se conheceram. Ela não achou o esforço tremendamente bem-sucedido, mas ele sorriu mesmo assim.

- Eu sei. - Ele endireitou os ombros, já pensando em seu próprio combate. - Mas você sabe como eu me preocupo.

- O que poderia acontecer? - Agir mais como seu antigo eu pareceu-lhe mais fácil da segunda vez, e então ela percebeu que também estava sorrindo.

Agora, o peso de seus sabres de luz nas mãos era tranquilizador, mas Ahsoka trocaria os dois pela presença de Anakin em um piscar de olhos.

Ela podia ver Maul, não muito distante agora. A fumaça envolvia seu rosto negro e vermelho, embora isso não parecesse incomodá-lo. Ele já havia colocado de lado sua capa; a prontidão para o combate irradiando de sua postura. Estava em uma das praças que ainda não fora consumida pelas chamas, andando de um lado para o outro enquanto esperava por ela. Se não soubesse que as pernas dele eram artificiais, jamais teria

imaginado que não eram os membros com os quais nascera. As próteses não o deixavam de forma alguma mais lento. Ela caminhou em sua direção, determinada. Afinal, sabia algo que tinha certeza absoluta de que ele não sabia.

- Onde está o seu exército, Lady Tano? - questionou assim que ela estava ao alcance de sua voz.

- Ocupado derrotando o seu - respondeu, torcendo para que fosse verdade. Ahsoka não lhe daria o prazer de ver o quanto a magoava o fato de ele chamá-la de Lady Tano. Ela não era mais comandante, embora o batalhão ainda a tratasse com a mesma cortesia que sempre lhe conferiram, por causa de sua reputação.

- Foi muita gentileza de seus antigos mestres enviá-la sozinha e me poupar do esforço de um combate decente - disse Maul. - Nem Jedi de verdade você é.

Escorria malícia de cada palavra sua ao mesmo tempo em que seus dentes arreganhavam. Era o tipo de raiva sobre a qual o Mestre Yoda advertia os aprendizes, daquela que consumia por inteiro um indivíduo e distorcia cada parte dele até ficar irreconhecível. Ahsoka estremeceu ao pensar no que Maul deveria ter sofrido para se transformar nisso. Ainda assim, ela era inteligente o bastante para usar essa raiva a seu favor: precisava dele enfurecido o suficiente para pensar que estava no controle.

- Será uma luta justa, então - retrucou, olhando-o de cima a baixo. - Você é apenas metade Sith.

Isso foi gratuitamente rude, o tipo de coisa que teria feito o Mestre Kenobi revirar os olhos. Mas Ahsoka não se arrependeu. Provocar o inimigo era costume, e ela usaria todas as cartas de que dispusesse, mesmo que não fosse educado de sua parte. Afinal, Maul estava certo: ela não era Jedi.

A essa altura, ele estava andando de lado, com uma graça felina

sombria que era estranhamente hipnotizante, e girando o punho do sabre de luz na mão. Ahsoka apertou ainda mais firme os próprios sabres de luz e se forçou a relaxar. Ela precisava que ele se aproximasse. Essa espera era como uma meditação. Ela sabia que havia funcionado antes contra Maul, em Naboo, quando Obi-Wan o derrotara pela primeira vez. Assim, se conectou com a Força e a encontrou aguardando por ela, como um conforto e uma fonte de poder. Abriu sua mente e concentrou-se o máximo possível. Então, se moveu, espelhando os movimentos de Maul através da praça e dando um passo para trás a cada passo que ele dava em sua direção.

- Não é Jedi, mas continua uma covarde - provocou ele. - Ou Skywalker se esqueceu de ensiná-la a defender sua posição antes de descartá-la?

- Eu saí por vontade própria - retrucou Ahsoka. Naquele momento, as palavras pareciam contar a verdade, apesar da dor que se ocultava sob elas. Ela ignorou a mágoa e concentrou-se novamente em seu senso de equilíbrio, em Maul.

- Claro que sim. E eu me ofereci para esta pilha de lixo e aquelas primeiras pernas monstruosas - disse Maul destilando ironia. Ela sentiu a raiva crescer dentro dele, quase alcançando o limite... Quase!

Foi então que ele ativou o sabre de luz e acelerou seus passos. Era fácil para ela fingir que ele a pegara desprevenida e recuar desajeitadamente para longe de seu ataque carregado de vingança.

- Aposto que você se ofereceu para isso também, Lady Tano - observou exultante. Ele estava certo, mas só conseguia perceber a sua fraqueza, pois a raiva o cegava para todo o restante. - Uma última tentativa de glória para impressionar um mestre que não vê mais utilidade em você.

- Isso não é verdade! - gritou Ahsoka. Faltava só mais um pouco agora. Ele estava quase caindo na armadilha.

Maul avançou com tudo em direção a ela, com gargalhadas cruéis

escapando de sua garganta. Ainda assim, ela aguardou. Então, pouco antes de estar ao seu alcance, liberou a armadilha.

A familiar energia verde zumbiu quando ela ativou seus sabres de luz e se moveu para fazer contato, como um último drible. Maul tentou uma investida e Ahsoka deu um passo rápido para trás, atraindo-o para além do ponto em que não havia retorno. Ele desceu seu sabre em curva no ar, diretamente sobre sua cabeça, e ela respondeu com toda sua força. Suas armas se chocaram e travaram, mantendo-o exatamente onde ela queria que ele estivesse.

- Agora! - comandou seus aliados invisíveis.

A resposta foi rápida, veloz demais para a defesa distraída de Maul. Ahsoka afastou-se no momento certo.

O escudo de raios ganhou vida, capturando sua presa que ainda estava com o sabre de luz empunhado contra ela.

CAPÍTULO

1

ELA ESTAVA SOZINHA, algo que nunca teve a intenção de estar. Seu povo era tribal, mantinha laços viscerais, e sua capacidade de usar a Força proporcionou-lhe uma galáxia de irmãos de todas as espécies. Mesmo após ter deixado o Templo Jedi, ela podia sentir os outros quando quisesse – o vai e vem deles na Força ao seu redor.

Até que, é claro, já não lhe era mais possível.

Agora Ahsoka quase preferia a solidão. Se estivesse sozinha, não precisava fazer escolhas que afetassem ninguém além de si mesma. Conserte ou não conserte um motivador com defeito, coma ou não coma, durma ou não durma – sonhe ou não sonhe.

Ela tentava sonhar o mínimo possível, mas aquele dia, em particular, não era o melhor para isso. Dia do Império. Por toda a galáxia, desde o Núcleo até a Orla Exterior – embora com um pouco menos de entusiasmo nessa última –, haveria festividades comemorando o estabelecimento da ordem e governo do Imperador Palpatine. Era a primeira celebração desse tipo. O novo Império tinha apenas um ano de existência, mas a mera ideia de comemorar tal data causava-lhe náuseas. Recordava-se dela por razões completamente diferentes da paz.

Mandalore havia ardido em chamas, e, mesmo que ela, Rex e os outros tivessem conseguido salvar a maior parte dele, sua vitória foi imediatamente desfeita com tamanha violência que Ahsoka mal podia suportar pensar a respeito. Então, ela não o fazia.

- Ashla! - A voz era alta e alegre, arrancando-a de suas lembranças. - Ashla, você vai perder o desfile!

Viver na Orla Exterior tinha seus benefícios. As populações planetárias eram pequenas e não altamente organizadas, tornando fácil a possibilidade de viver sob um nome falso. Ela também podia ficar longe de qualquer uma das principais pistas do hiperespaço sem grande esforço. A maioria dos planetas da Orla Exterior não tinha mesmo nada de muito interessante para atrair a atenção Imperial, e a última coisa que Ahsoka queria fazer era atrair a atenção.

O que ela não levava em consideração era a atenção a ela dispensada por seus vizinhos, os Fardi, uma família local que parecia envolvida com tudo que acontecia em Thabeska. Eles a acolheram, colocaram-na sob sua proteção - bem, o máximo que conseguiram, já que Ahsoka não dava muita abertura nem permitia uma aproximação maior. Ela ainda estava sofrendo, à sua maneira, e ajudava se dissesse a si mesma que não queria novos laços, novos amigos.

Thabeska servia bem a seus propósitos. Era poeirento e silencioso, mas com um fluxo de recém-chegados grande o bastante para que ela não se destacasse. O planeta gerava um intenso comércio de água e tecnologia, mas nada em larga escala. Até as operações de contrabando - produtos de luxo e alimentos de outros planetas, em sua maior parte - atendiam a um número relativamente pequeno de indivíduos. Nenhum pirata que se prezasse, conhecido dela, se rebaixaria tanto. Era um lugar novo

tão bom quanto qualquer outro para “Ashla” chamar de lar.

– Ashla, você está aí? – gritou novamente a garota do lado de fora. Empolgação demais, pensou Ahsoka balançando a cabeça. O Dia do Império não era assim tão emocionante, mesmo que você acreditasse na propaganda. As meninas estavam tramando alguma coisa e queriam que ela soubesse disso.

Ahsoka considerou suas opções. Ela era conhecida por perambular sozinha pelas planícies do deserto. Não havia nada perigoso por lá ou, definitivamente, nada que oferecesse perigo a ela. Dessa forma, podia sentar-se em silêncio, fingindo que não estava em casa e, se alguém a questionasse mais tarde, diria apenas que tinha saído para passear.

Ela se levantou e atravessou sua pequena habitação. Não era chique o suficiente para ter quartos, ou mesmo divisórias, mas uma das coisas para a qual crescer no Templo Jedi preparava uma pessoa era a austeridade. Se Ahsoka não dispusesse de pertences, teria menos o que carregar quando chegasse a hora de partir. Ela se esforçava muito para não pensar no cinto de armas vazio que guardara, embora não o usasse.

Ahsoka captara o sinal de alerta na demonstração de alegria das meninas quando a chamaram, mas precisava de mais detalhes. E a única maneira de obtê-los era abrindo a porta.

– Já vou, já vou! – disse, esperando parecer entusiasmada.

Ahsoka conhecera o clã Fardi nos estaleiros quando chegara ao planeta. Eles geriam a maior parte das transações de lá, tanto as legais quanto as outras. Ela os teria evitado por completo não fosse pelas crianças mais novas, que passaram a segui-la como patinhos, e ela sentia pena de desapontá-las. Ahsoka, então, abriu a porta e encontrou quatro delas encarando-a, uma dupla de meninas mais

velhas logo atrás. As mais velhas não pareciam tão despreocupadas quanto as pequenas. Ela ficou tensa e depois se forçou a relaxar. Procurou sondar com os seus sentidos muito cuidadosamente, mas, se havia algo para sentir, ainda estava muito distante.

– Ashla, você tem que vir agora – disse a mais velha. Havia tantas crianças Fardi que Ahsoka se esforçou para lembrar qual nome pertencia a quem. Ela as encarou do alto e teve uma sensação incômoda de que estava se esquecendo de alguma coisa.

– Sim! – disse uma dentre o bando de crianças. – Papai está recebendo convidados chiques que estão pedindo para conhecer pessoas novas, e você é nova, então, você deve vir! Pode se sentar conosco para o desfile e sobrevoos.

Um ano de residência ainda qualificava Ahsoka como nova, apesar de ter sido o mais longo período em que ficara num mesmo planeta desde que se tornara Padawan de Anakin Skywalker.

– Há muitas naves no estaleiro neste momento – disse a mais velha com cautela, como se alguém pudesse estar ouvindo cada palavra sua. – Para o sobrevoos. De toda parte. A segurança está um desastre, já que eles estão tentando registrar tudo.

Por estas bandas, convidados chiques significavam roupas limpas. Até mesmo os abastados Fardi estavam sempre cobertos com a areia que soprava das planícies do deserto. Ahsoka imaginou os cortes precisos e as cores sóbrias dos uniformes Imperiais. Eles impressionariam Thabeska.

Ela sabia o que os Fardi fariam. Eles tinham seus negócios legítimos a considerar, sem mencionar todos os membros da família. Contariam aos Imperiais tudo o que quisessem saber, e Ahsoka não tinha por que ficar ressentida com eles. Aparentemente, ela havia causado uma impressão suficientemente

boa para justificar a visita e a dica sobre o estaleiro. Ahsoka não poderia esperar mais do que isso.

– Por que vocês não vão na frente? – disse ela, assentindo solenemente para as meninas mais velhas. Ahsoka não sabia se os pais delas tinham conhecimento de que estavam ali, mas queria que soubessem que era grata pelo risco que estavam correndo por ela. – Vocês podem guardar um lugar para mim enquanto eu me arrumo. Dormi um pouco demais esta manhã e não posso ir ao desfile do Dia do Império deste jeito.

Ela apontou para as suas roupas. Eram as únicas que possuía, e todos sabiam disso, mas era uma desculpa suficiente para dar conta do recado.

As meninas mais novas choramingaram implorando para que ela se apressasse, mas prometeram guardar-lhe um lugar. As duas mais velhas ficaram quietas e conduziram suas irmãs de volta para o centro da cidade. Ahsoka não as viu partir. Assim que se viraram, ela fechou a porta e levou um momento para se recompor.

Não tinha muito o que levar. Sua moradia de um único cômodo estava vazia, exceto pela cama e o tapete grosso estendido no chão, no qual ela poderia acomodar hóspedes, se um dia tivesse recebido algum. Ela enrolou o tapete para o lado e descobriu o compartimento onde guardava um pouco de dinheiro e seu blaster. Ela jogou tudo em uma bolsa e colocou um capuz curto que lhe cobriria o rosto. Precisaria adquirir outro em breve: sua cabeça crescera novamente e seus montrais estavam quase altos demais para o capuz.

Quando Ahsoka fechou a porta de sua casa pela última vez, o ar foi cortado por um zunido muito familiar. O sobrevoou havia começado e parecia que o Império estava exibindo a capacidade de

manobra de seus mais recentes caças.

As ruas estavam desertas. Ela podia ouvir a música, estridente e marcial ao mesmo tempo, enquanto o desfile passava pela avenida principal a vários quarteirões de distância. Ahsoka não conseguia entender por que havia tantos Imperiais de repente. Certamente o Dia do Império não era o único motivo. Mas o planeta não tinha muito a oferecer além da areia e dos Fardi. E uma sobrevivente da Ordem 66.

Dois Imperiais de armadura dobraram a esquina. Ahsoka prendeu a respiração e os sondou com a Força. Não havia nada de familiar a respeito deles. Não eram clones. Tratava-se de recrutas mais novos, os stormtroopers. Não havia muito com o que se preocupar em relação a eles.

– O que você está fazendo aqui? – Eles levantaram suas armas. – Por que não está participando das festividades?

– Estou a caminho de lá – disse Ahsoka, tomando o cuidado de manter o rosto direcionado para o chão. – Eu estava nas planícies esta manhã, caçando, e perdi a noção do tempo.

– Vá andando – ordenou o stormtrooper, embora não houvesse baixado a arma. O outro disse algo em seu comunicador que Ahsoka não conseguiu ouvir.

– Feliz Dia do Império – disse ela, e dobrou um beco na direção da música.

Ela não esperou para ver se eles a seguiriam. Pulou para uma janela do primeiro andar e subiu no prédio até chegar ao telhado. Assim, tão perto do complexo principal dos Fardi, as casas eram mais agradáveis que sua pequena cabana. Eram mais altas e tinham telhados planos. E, o mais importante, haviam sido erguidas muito próximas umas das outras para economizar em custos de

construção. Não era um percurso de viagem perfeito, mas, para alguém com as habilidades de Ahsoka, era bastante aceitável.

Cuidando para que ninguém pudesse vê-la, ela correu pelos topos das casas. Mesmo com o perigo envolvido, aquilo lhe proporcionava uma sensação melhor do que qualquer coisa que sentia há muito tempo. Ahsoka não fez uso da Força para correr – não havia sentido em se arriscar sem necessidade –, mas recorreu a ela para garantir que cada salto por sobre as ruas abaixo fosse seguro. Toda vez que olhava para baixo, via mais stormtroopers patrulhando. Eles não pareciam estar procurando por um alvo específico – sinal de que a dupla com a qual conversara não devia ter dado nenhum alarme.

Ahsoka chegou à extremidade da fileira de casas altas e agachou-se, olhando para o estaleiro. Havia dois deles sob o controle dos Fardi, e aquele era o menor. O maior teria mais opções e possivelmente mais brechas em seu sistema de segurança, mas o menor oferecia uma aproximação pelo telhado, então, decidiu se arriscar ali.

As naves eram, em sua grande maioria, Imperiais e, portanto, alvos não recomendados. Elas teriam sido registradas e marcadas, e provavelmente possuíam algum tipo de dispositivo de rastreamento. Ahsoka olhou para o transportador de tropas com certo pesar. De todas as naves estacionadas ali, era aquela com a qual estava mais familiarizada, mas não podia correr o risco. Em vez disso, concentrou-se em um pequeno cargueiro localizado na extremidade do estaleiro.

Era uma nave dos Fardi, uma das legais, mas Ahsoka sabia que poderia se tornar menos legal em questão de minutos. Os Fardi pagaram-na para efetuar reparos no veículo. Ela era uma boa mecânica e conquistou a confiança deles por conta de um trabalho

diligente. A nave estava desprotegida também. Ahsoka não sabia se era um convite ou não, mas não estava disposta a deixar a oportunidade passar.

Havia talvez vinte stormtroopers no estaleiro. Antes, quando ela podia usar abertamente a Força, isso não seria problema. Agora, com apenas seu blaster, Ahsoka demorou um instante para considerar suas opções.

Anakin teria entrado de sola, independentemente do risco pessoal. Mesmo sem o sabre de luz, teria sido rápido o suficiente e forte o bastante para fazê-lo. Chamaria bastante atenção, no entanto. Explosões tendiam a acompanhar de perto seu antigo mestre. Ela sentia falta da emoção, mas agora não era momento para isso. O Mestre Obi-Wan teria tentado uma abordagem mais elegante e acabaria, ainda assim, causando tanto estardalhaço quanto Anakin, invariavelmente.

– Quando é que você vai admitir para si mesma que está por conta própria? – Ahsoka murmurou a si mesma. – Eles se foram. Estão mortos, e você está sozinha agora.

Considerando um discurso motivacional, esse não foi dos melhores, mas estimulou-a a agir. Ela arriscou um salto do telhado para o beco abaixo, priorizando a velocidade acima de qualquer outra coisa. Sacou o blaster da bolsa. Rapidamente soltou os pinos de sobrecarga do cartucho de munição e depositou a arma no chão. Agora, ela precisava sair dali. Correu pelo beco e pulou por cima de um muro baixo em um jardim residencial. Mais alguns passos e outro salto a levaram para um beco diferente, de onde correu em direção ao estaleiro.

Ahsoka alcançou a área aberta no exato momento em que o blaster explodiu. Os stormtroopers reagiram de imediato,

posicionando-se em fileiras organizadas e correndo em direção ao barulho com dedicação admirável. Eles não abandonaram por completo o estaleiro, mas o suficiente para os propósitos dela.

Ahsoka ateve-se às esquinas onde podia se esconder e atrás de caixas para bloquear o campo de visão dos Imperiais remanescentes. Ela alcançou a rampa da nave dos Fardi e subiu a bordo antes que alguém se desse conta do que acontecera.

– Espero não estar furtando algo de que vocês precisam – disse ela a seus benfeitores ausentes. – Mas obrigada pela nave.

O motor zumbiu justo quando os outros stormtroopers retornavam para o estaleiro, mas já era tarde demais. Ahsoka já havia alçado voo sem que eles pudessem montar o armamento pesado, e estava fora de alcance antes mesmo que pudessem disparar. Ela já ia longe, fugindo mais uma vez, e não fazia ideia para que ponto da galáxia iria a seguir.

CAPÍTULO

2

VISTA DA ÓRBITA, Raada não parecia grande coisa. A leitura do computador de navegação não era particularmente fascinante também, mas isso fazia parte do motivo pelo qual Ahsoka escolhera a lua. Era pequena e fora de mão até mesmo para os padrões da Orla Exterior, dispondo de apenas um recurso. Ahsoka poderia passar despercebida aqui. Não lhe agradava a ideia de cometer o mesmo erro duas vezes e ela havia cometido um dos grandes em Thabeska, envolvendo-se com uma das famílias mais importantes do planeta.

Ahsoka pousou a nave no que mal podia ser chamado de espaçoporto e a protegeu contra furto da melhor forma que pôde. Enquanto estava em trânsito, fez algumas modificações no veículo na esperança de esconder onde o havia conseguido, e descobriu que um sistema de trava em solo bastante sofisticado já estava em funcionamento. Recodificá-lo tinha sido relativamente simples, mesmo sem um droide astromecânico como R2-D2 para ajudar. Ela fez uma última verificação quando seus olhos foram atraídos por um par de anéis de metal que demarcava uma válvula de pressão no console de energia. Os anéis não tinham outra finalidade senão deixar o painel com aparência de limpo e arrumado. Ahsoka

soltou-os e guardou-os no bolso sem pensar muito a respeito. Feito isso, colocou a bolsa no ombro e desceu a rampa.

No solo, constatou que Raada tinha um odor característico, embora não totalmente desagradável. Na superfície da lua havia vida que o computador não registrou: verde e em crescimento. Podia senti-la sem esforço e respirou fundo. Após um ano ou de espaço ou da areia de Thabeska, a mudança era bem-vinda. Talvez quando Ahsoka meditasse aqui, encontrasse algo entre ela e o enorme abismo que a assombrava desde a Ordem 66.

Havia algumas pessoas no espaçoporto, carregando caixotes em um cargueiro maior, mas ignoraram Ahsoka quando ela passou por eles. Se havia alguém para quem ela deveria pagar por uma vaga, não o encontrou, então decidiu se preocupar com isso mais tarde. Um lugar como Raada tinha um governo menos legítimo do que Thabeska ou um planeta controlado por um Hutt, mas Ahsoka podia lidar com quaisquer adversários locais que pensassem que ela poderia ser uma presa fácil. O que precisava agora era de um lugar para ficar e sabia por onde começar a procurar.

Raada tinha apenas um grande assentamento, e Ahsoka não iria tão longe a ponto de chamá-lo propriamente de cidade. Pelos padrões de Coruscant, o assentamento mal existia, e até mesmo os Fardi o esnobariam. Não havia casas altas ou vias no céu, e o local contava com apenas um mercado próximo dos deteriorados prédios da administração no centro da cidade. Ahsoka seguiu direto para os arredores, onde esperava que houvesse uma casa abandonada que pudesse pegar emprestada. Caso contrário, teria que começar a procurar fora da cidade.

Enquanto caminhava, ela registrou suas novas imediações. Embora a arquitetura fosse monótona e em grande parte pré-fabricada, havia ornamentos decorativos suficientes que indicavam

que as pessoas que habitavam tais residências se importavam com elas. Ali não viviam trabalhadores temporários: eles estavam em Raada para ficar. Além disso, a julgar pela variação de estilo, dava para Ahsoka perceber que os indivíduos que residiam naquela lua tinham vindo de toda a Orla Exterior. Isso tornava Raada um lugar ainda melhor para ela se esconder, porque seus traços Togruta passariam despercebidos.

Depois de alguns quarteirões, Ahsoka se viu em uma zona com casas menores que haviam sido erguidas às pressas e desleixadamente, sem nenhum senso estético. Isso lhe convinha, e ela começou a procurar por uma que estivesse desabitada. A primeira que encontrou não tinha teto. A segunda ficava bem próxima a uma cantina – bastante silenciosa durante o dia, mas presumivelmente barulhenta e desagradável à noite. A terceira, a algumas ruas da cantina e bem nos limites da cidade, parecia promissora. Ela postou-se em frente à casa, avaliando suas opções.

– Não tem ninguém – disse alguém atrás dela. As mãos de Ahsoka fizeram menção de apertar os punhos dos sabres de luz que não estavam mais lá quando se virou.

Era uma jovem da sua idade, mas com mais rugas ao redor dos olhos. Ahsoka havia passado grande parte da vida em naves estelares ou no Templo Jedi. Aquela garota parecia trabalhar ao ar livre o tempo todo e sua pele gasta era evidência disso. Tinha o olhar intenso, mas não perverso. Ela era mais clara que o Mestre Windu, mas mais escura do que Rex, e seus cabelos, mais fartos do que os dos dois juntos – não que isso fosse muito difícil –, arrumados em tranças castanhas cuidadosamente afastadas de seu rosto e presas atrás da cabeça.

– Por que o lugar está abandonado? – questionou Ahsoka.

– Cietra se casou e se mudou – foi a resposta. – Não tem nada de errado com ele, se você está procurando um lugar.

– Eu tenho que comprá-lo? – perguntou. Ela dispunha de alguns créditos, mas preferia economizá-los o máximo que pudesse.

– Cietra não comprou – respondeu a garota. – Não vejo por que você deveria.

– Bem, então suponho que serve para mim – disse Ahsoka. Ela fez uma pausa, sem ter certeza do que viria a seguir. Não queria oferecer muitas informações pessoais, mas tinha uma história razoável preparada, caso alguém perguntasse.

– Eu sou Kaeden – disse a garota. – Kaeden Larte. Você está aqui para a colheita? É por isso que a maioria das pessoas vem para cá, mas estamos quase terminando. Eu mesma estaria lá, mas perdi uma discussão com uma das debulhadoras ontem.

– Não – respondeu Ahsoka. – Eu não levo jeito para ser agricultora. Só estou procurando um lugar tranquilo para montar uma loja.

Kaeden lançou-lhe um olhar penetrante, e Ahsoka percebeu que teria que ser mais clara ou atrairia atenção mesmo que não quisesse. Ela suspirou.

– Eu reparo droides e outros equipamentos mecânicos – esclareceu. Ela não era tão boa quanto Anakin, mas boa o bastante. Distante do Templo e da guerra, descobrira que a galáxia estava cheia de pessoas que eram apenas boas nas coisas, não prodigiosas. Demorou um pouco para reajustar sua forma de pensar.

– Sempre podemos precisar disso – observou Kaeden. – Essas são todas as suas coisas?

– Sim – respondeu, monossilábica, na esperança de desencorajar

mais perguntas. Deu certo, porque Kaeden deu meio passo para trás e pareceu envergonhada.

– Vou contar a algumas pessoas que você está se estabelecendo quando chegarem dos campos hoje à noite – disse ela, antes que a pausa se estendesse a um nível desconfortável. – Eles vão aparecer amanhã com trabalho para você. Em alguns dias, será como se você nunca tivesse morado em outro lugar.

– Duvido disso – resmungou Ahsoka, baixo demais para Kaeden ouvir. Ela limpou a garganta e falou mais alto. – Ótimo.

– Bem-vinda a Raada. – O tom de Kaeden era irônico, um sorriso forçado em seu rosto, mas Ahsoka retribuiu o gesto ainda assim.

– Obrigada – agradeceu.

Kaeden voltou a subir a rua, puxando a perna esquerda enquanto caminhava. Embora o mancar não fosse pronunciado, Ahsoka percebeu que a lesão era dolorosa. Isso significava que o tratamento médico em Raada ou era caro ou indisponível. Então, ela balançou a cabeça e passou pela porta de sua nova casa.

Cietra, quem quer que fosse, visivelmente não era uma dona de casa. Ahsoka esperava um ambiente mofado, dado o estado abandonado da casa, mas o que encontrou foi pó. O chão e a única mesa estavam cobertos dele, e ela estava um pouco preocupada com o que poderia encontrar na cama. Ahsoka correu um dedo pela mesa e descobriu que o pó estava misturado com algum tipo de graxa de motor, o que o tornava pegajoso.

– Coisas para as quais o treinamento Jedi não prepara você – refletiu e logo se calou. Mesmo sozinha, não deveria dizer essa palavra. Parecia uma traição negar de onde viera, mas não era seguro e ela não podia se dar ao luxo de cometer deslizes em público.

Ahsoka encontrou uma despensa com material de limpeza e pôs-se a trabalhar. Era um serviço fácil, embora tedioso, e estranhamente gratificante ver o pó desaparecer. O aspirador não era um droide, mas era eficiente. Enquanto ele zumbia pela sala, Ahsoka pôde encontrar o melhor lugar da casa para esconder suas coisas.

O painel sob o chuveiro rudimentar se abriu e revelou um compartimento grande o suficiente para seu estoque de créditos. Todo o restante foi para debaixo da cama assim que terminou de limpá-la. Então, sentou--se de pernas cruzadas no colchão e ouviu o aspirador circundar a sala. Seu zumbido a lembrava das esferas de treinamento que usara quando era uma criança aprendiz. Ahsoka fechou os olhos e sentiu o corpo se preparar para o raio de energia, embora tivesse certeza absoluta de que o aspirador não iria atirar nela.

A partir daí, foi fácil mergulhar em sua meditação. Por um momento, ela hesitou com medo do que havia testemunhado – do que *não* havia testemunhado – desde o expurgo dos Jedi, mas depois se deixou levar. A meditação era uma das coisas de que mais sentia falta, e uma das poucas que provavelmente não a fariam ser apanhada, mesmo que alguém a visse fazendo isso.

A Força parecia diferente agora, e Ahsoka não tinha certeza do quanto dessa diferença residia nela. Ao afastar-se do Templo dos Jedi, ela havia desistido de seu direito à Força – ou, pelo menos, era o que dizia a si mesma de vez em quando. Ela sabia que era mentira. A Força sempre fazia parte dela, fosse ela treinada ou não, assim como era parte de tudo. Ahsoka não conseguiria remover sua sensibilidade à Força da mesma forma que não era possível respirar do lado errado de uma eclusa de ar. Sua autoridade se fora; seu poder permaneceu.

Mas havia agora, em suas meditações, uma escuridão da qual não gostava. Era como se uma mortalha tivesse envolvido suas percepções, entorpecendo-lhe a visão. Ela sabia que havia algo lá, mas era difícil de distinguir, e ela não tinha muita certeza de que queria fazê-lo. A presença familiar de Anakin se fora, como um canal interrompido que não canalizava mais poder da maneira como deveria. Ahsoka não conseguia mais senti-lo, nem qualquer um dos outros. Até mesmo a percepção dos Jedi como um todo havia desaparecido, e ela sempre fora capaz de sentir isso mesmo quando ainda era pequena demais para conseguir expressar tal sensação. Essa sensação, aliás, havia salvado sua vida certa vez, quando era muito jovem e um falso Jedi foi a Shili para escravizá-la. Ela sentiu a ausência da Força nele como se lhe faltasse um membro do corpo.

O aspirador correu para a plataforma da cama duas vezes, recusando-se obstinadamente a mudar de rumo. Ahsoka inclinou-se e o virou em outra direção. Observou-o por alguns instantes antes de retornar à sua meditação, desta vez não se distanciando tanto. Ela queria ter uma noção de Raada, algo mais do que sua reação inicial poderia lhe dizer, e essa era uma boa ocasião para isso.

A lua se estendeu ao seu redor. Ela estava de frente para o centro da cidade, então, sondou por meio da Força a região atrás de onde estava sentada. Havia os campos de plantações, em grande parte colhidas, como Kaeden havia dito, e prontas para o plantio da próxima safra. Havia pedras, colinas rochosas e cavernas onde nada de útil poderia crescer. Havia animais grandes, mas, se eram para trabalho ou comida, ela não sabia dizer. E havia botas, dezenas delas, caminhando em sua direção.

Ahsoka balançou a cabeça, saindo do transe, e descobriu que o

aspirador estava chocando-se animadamente contra a porta do chuveiro. Ela se levantou para desligá-lo e o novo som chegou aos seus ouvidos: conversas, risadas e o pisar forte de pés contra o chão. Seus novos vizinhos estavam em casa após um dia de trabalho nas plantações.

CAPÍTULO

3

KAEDEN APARECEU na porta de Ahsoka bem cedo na manhã seguinte com dois pacotes de ração e um...

– O que é isso? – perguntou, encarando as peças desmanteladas de sucata que Kaeden carregava debaixo do braço.

– Seu primeiro paciente, se estiver interessada – respondeu a jovem alegremente.

– Não posso consertar isso se eu não souber para que serve, pra começo de conversa – protestou Ahsoka, mas estendeu as mãos assim mesmo.

Kaeden interpretou isso como um convite para entrar. Ela depositou as peças quebradas nas mãos de Ahsoka e sentou-se na cama, colocando as rações ao seu lado.

– É a debulhadora para a qual perdi a discussão – explicou. Aparentemente, a garota não via estranheza em sentar no lugar onde Ahsoka dormia. Por outro lado, a cama era o único móvel dela, além da mesa baixa.

Ahsoka espalhou as peças sobre a mesa e sentou-se no chão para analisá-las mais de perto. Supôs que a engenhoca poderia ter sido uma debulhadora. Mas, se fosse tentar adivinhar o que era com

base apenas na bagunça das peças misturadas, poderia muito bem concluir ter sido um droide de protocolo.

– Odiaria ver o que acontece quando você *vence* as discussões – disse Ahsoka.

– Não foi minha culpa. – Kaeden disse isso com o tom de uma pessoa que usou esse mesmo argumento, sem sucesso, várias vezes antes. – Num minuto, estávamos operando sem problemas, em vias de cumprir as cotas e tudo mais, e então, quando vi, desastre total.

– Como está a perna? – perguntou Ahsoka. Seus dedos se moviam sobre a mesa, reorganizando as peças e tentando descobrir se alguma coisa era aproveitável.

– Estará boa o bastante para voltar ao trabalho amanhã – garantiu. – Manterei meu bônus de colheita, principalmente se não tiver que pagar para substituir a debulhadora.

Ahsoka lançou-lhe um olhar demorado.

– Mas pode deixar que vou pagar pelo serviço, é lógico – Kaeden apressou-se em acrescentar. – Começando com o café da manhã. Manda ver.

Ela jogou à Ahsoka um pacote de ração. Ahsoka não reconheceu o rótulo, mas sabia que a origem não era do Império ou da República.

– Não há lugar como nosso lar – disse Kaeden, abrindo seu próprio pacote com um rasgão. – Não tem muito sentido viver em um planeta agrícola se você precisar importar alimentos. Isso aqui facilita o monitoramento de quem recebe o quê.

– Acho que isso faz sentido – concordou Ahsoka, que rasgou a própria embalagem e a cheirou. Ela definitivamente já havia comido coisa pior.

*image
not
available*

– Eu deixei o caixote do lado de fora – disse Kaeden. – Você pode vir buscá-lo.

Ahsoka a seguiu até a porta e viu o pagamento prometido – comida suficiente para um mês, provavelmente, e talvez até mais, se ela fosse comedida. Kaeden estava certa: só valia a pena trocar comida se você fosse novo por aqui. Obviamente, escassez de alimentos não era um problema. Ela arrastou o caixote para dentro enquanto Kaeden descia a rua, seu manquejar muito menos perceptível do que no dia anterior. Novamente sozinha, Ahsoka ergueu o caixote, colocando-o sobre a mesa, lutando contra o impulso infantil de fazer o trabalho com a mente em vez de com os braços. A Força não era para ser usada com leviandade, e levantar caixotes pra lá e pra cá não era de fato um treinamento real. Seu foco precisava estar em outro lugar.

Usar a Força era uma extensão natural de si mesma. Deixar de usá-la o tempo todo era estranho. Ela teria que praticar, praticar de verdade com meditação adequada, ou algum dia precisaria de suas habilidades e seria incapaz de responder a tempo. Ahsoka teve sorte de escapar da Ordem 66, e sua fuga não ocorreu sem um custo terrível. Os outros Jedi, os que haviam morrido, não foram capazes de se salvar, fossem eles poderosos ou não.

Assim, ela sentiu o familiar aperto na garganta, a mesma dor sufocante que surgia toda vez que imaginava o que tinha acontecido quando os soldados clones mudaram de lado. Quantos amigos seus foram abatidos por homens com quem serviram durante anos? Quantas crianças aprendizes foram assassinadas por um homem em cuja face elas implicitamente confiavam? E como será que os clones se sentiram após o término? Ahsoka sabia que o Templo havia ardido em chamas; recebera o aviso para não retornar. Mas ela não sabia onde estavam seus amigos durante a

*image
not
available*

tanto frio na lua a ponto de ela precisar de um casaco com capuz.

Não parecia haver muita vida selvagem em Raada. Ahsoka tinha visto algumas aves se agrupando em torno das fontes de água enquanto descia com a nave. Deve ter havido polinizadores de algum tipo, mas em se tratando de coisas grandes – predadores ou criaturas que valiam a pena caçar pela carne – Raada não tinha muito a oferecer em termos de variedade.

O lugar deixaria Anakin exasperado, a menos que ele, de alguma forma, conseguisse organizar corridas de pods. Não havia tecnologia de verdade para lidar, nada de perigoso do que proteger os pobres habitantes locais – apenas trabalho e casa, trabalho e casa. Ele nunca chegou a comentar, mas Ahsoka sabia que seu mestre já tivera sua cota disso enquanto crescia em Tatooine. O Mestre Obi-Wan teria dito que Raada era um bom lugar para relaxar e, então, esbarraria em um covil de piratas, uma rede de contrabandistas ou uma conspiração dos Sith. Ahsoka – Ashla – esperava um meio-termo: casa e trabalho, e emoção suficiente para impedi-la de subir pelas paredes.

Enquanto isso, subir as colinas ocupava seu tempo. Ahsoka tinha saído das planícies e estava caminhando por colinas ondulantes, cada qual coberta de pedras e vegetação sussurrante que ocultava todo tipo de vales, reentrâncias e cavernas. Mesmo que o assentamento em si fosse indefensável, a área circundante seria um local mais do que adequado para organizar uma revolta, se necessário. Havia bons pontos de observação do espaçoporto, e as cavernas forneceriam cobertura contra ataques aéreos. O único problema era a água, mas, se os agricultores tinham tecnologia como debulhadoras portáteis, eles deveriam possuir também fontes portáteis de água.

Ahsoka parou no topo de uma colina e balançou a cabeça com

*image
not
available*

proveito demais dessa vantagem.

– Se ela consegue consertar seu velho clanker a esse ponto, talvez eu peça para ela dar uma olhada no meu. – Tibbola era mão de vaca e sua debulhadora havia sido remendada tantas vezes que Kaeden não tinha certeza se havia sobrado uma parte original nela.

– Você não conseguirá passar a perna nela – Kaeden o advertiu. – Ela é esperta.

– Talvez eu seja mais charmoso do que você – disse Tibbola com um olhar malicioso. Ele se levantou e foi embora.

– Não com um bafo desses – comentou Miara, rindo. Kaeden não pôde deixar de rir também. – Nós vamos adverti-la. De onde ela é?

– Ela não disse isso também – admitiu Kaeden. – Conversamos a maior parte do tempo sobre Raada.

– Você não pode culpá-la por ser cautelosa se ela é nova na lua e está sozinha – observou Miara. – Você está certa sobre ela ser esperta. Ela provavelmente quer saber como são as coisas na cidade antes de se abrir.

– Quem vai se abrir? – Quatro corpos desabaram no chão ao redor delas: o restante do time de debulhadores juntando-se às duas para almoçar.

– Kaeden fez uma amiga! – disse Miara, provocando.

– Fez é? – Vartan, o líder da equipe, balançou as sobrancelhas escuras para ela. Teria causado mais impacto se suas sobrancelhas não fossem os únicos pelos em sua cabeça.

– Ela é mecânica, ou algo do gênero – esclareceu Kaeden, ignorando seu tom de voz. Era necessário muito mais do que aptidão mecânica para impressioná-la, mas talvez ela tivesse que reavaliar isso. Afinal, esperteza conta muito. – Eu não peguei o

*image
not
available*

– O quê? – disse Kaeden.

Ahsoka repetiu o que disse diretamente no ouvido de Kaeden. Como alguém neste lugar ouvia alguma coisa? Como conseguiam pedir bebidas?

– Não – respondeu Kaeden. – Selda tem a melhor comida. Vai ficar um pouco mais silencioso nos fundos.

Ahsoka desistiu e seguiu Kaeden através da multidão. A garota tinha ombros largos e não hesitava em usá-los para abrir caminho. Quando elas atravessaram o grosso da aglomeração, Kaeden virou à esquerda e conduziu Ahsoka a uma mesa que já estava ocupada.

– Essa é a minha irmã, Miara – apresentou Kaeden, indicando a menina de pele escura já sentada à mesa. Ao contrário dela, cujo cabelo castanho-escuro continuava preso em tranças bem apertadas, o de Miara estava solto. Era bem encaracolado e circundava sua cabeça como uma nuvem. Ahsoka apreciou a cabeleira, mesmo sem ter ideia de como a garota a mantinha fora do caminho enquanto trabalhava.

– Oi! – cumprimentou Ahsoka. – Eu sou Ashla. – Ela deslizou no assento ao lado de Kaeden e concentrou-se em não sair do papel de Ashla.

Outras apresentações foram feitas, e logo Ahsoka apertara a mão de toda a equipe de Kaeden. Eram todos humanos, exceto uma. Vartan era o mais velho, um homem gasto na casa dos quarenta anos. A princípio, Ahsoka achou que sua calvície fosse intencional, como a opção de alguns dos clones para manterem a cabeça mais fresca em seus capacetes. Mas, quando reparou melhor, percebeu que não havia fios voltando a crescer. Ela realmente não entendia como funcionavam os cabelos, não tendo ela própria nenhum, mas sabia que os homens em geral eram sensíveis a esse tipo de coisa,

*image
not
available*

moradores locais. Em Raada, ela era a forasteira, e tinha a nítida impressão de que, se houvesse entrado por aquela porta sozinha, a música e as conversas teriam cessado e ela teria virado o centro das atenções. Mesmo resguardada por Kaeden e seus amigos, Ahsoka era alvo de muitos olhares disfarçados enquanto as pessoas tentavam descobrir qual era a dela.

– Eles vão se acostumar com você em breve – disse Vartan. Ele se levantou e se preparou para retornar ao bar para pegar mais bebidas. – Quer pedir algo especial? Hoje as bebidas são por nossa conta.

– Ele está sendo um bobalhão – disse Miara. – Selda só tem um tipo de bebida alcoólica. Só pegue outra rodada, Vartan.

Ele fez continência para ela, um gesto zombeteiro que Ahsoka achou desconfortavelmente familiar, e seguiu seu caminho. Miara e Kaeden começaram a discutir com os gêmeos a respeito de alguma coisa, e Ahsoka permitiu-se escutar parcialmente enquanto passava os olhos pela cantina. Era um hábito avaliar seus arredores, mas agora seria um bom momento para descobrir se alguém estava interessado nela em demasia. Ela viu principalmente pessoas cansadas que pareciam querer uma refeição quente no fim do dia. Não fosse pela música, teria pensado que o lugar era uma lanchonete ou um refeitório.

– É por isso que Selda mantém o volume tão alto – disse Kaeden, quando Ahsoka lhe disse o que estava pensando. – Você comia muito em refeitórios no lugar de onde vem?

– Às vezes – respondeu Ahsoka. – Na maior parte das vezes, era comer o que podíamos onde conseguíamos.

– Você se mudou muito? – Kaeden quis saber com um pouco de pena. – Mesmo quando era pequena?

*image
not
available*

havia encontrado o sistema perfeito. Era direto, discreto, brutalmente eficiente e lucrativo. O Império não se importava com o que aconteceria depois de ter o que queria, e Jenneth também não.

– Raada – disse ele, antes de fechar a carta estelar e sentar-se sozinho no escuro. Era excessivamente dramático, mas ele gostava do efeito. – Espero que ninguém esteja guardando alguma coisa importante em você.



Mais tarde, naquela noite, sozinha em sua casa, Ahsoka não conseguia parar de pensar no que Selda havia dito. No barulho da cantina, fora possível ignorar a advertência, mas no silêncio de seu quarto não era assim tão fácil. O Império era implacável, ela sabia, e insensível quando se tratava de morte e sofrimento. Mas certamente a maneira mais rápida de incitar resistência seria atacando espécies específicas. O Senado ainda estava atuando, e alguém nele tinha que ter o poder de protestar.

Mas não fariam isso, Ahsoka percebeu. Estariam ocupados demais protegendo seus próprios planetas. Kashyyyk fora sitiado por isso e ninguém interveio quando alguns dos Wookiees do planeta foram enviados para várias minas e campos de trabalho por toda a galáxia. Ninguém podia ajudá-los. A maioria mal conseguia cuidar de si própria. Esse era o trabalho dos Jedi, e já não existiam os Jedi.

Não existiam.

Já não existiam os Jedi. Ahsoka pensou sem dó, inúmeras vezes – ainda com muito receio de pronunciar as palavras em voz alta –, até que conseguisse encarar a terrível verdade: os Jedi estavam

*image
not
available*

uma nave, um veículo discreto e bem construído. Rex já havia partido, embora a lápide diante da Togruta registrasse tanto a falsa morte dele quanto a falsa morte de Ahsoka pelas mãos do próprio Rex, segundo a inscrição. Quando estavam cavando a sepultura, haviam concordado em se separar e seguir para a Orla Exterior. Reinava o caos por lá, mas era o tipo de caos no qual uma pessoa podia desaparecer. O caos nos mundos do Núcleo era motivado pela nova paz de Palpatine, e, se Ahsoka tentasse se esconder por lá, seria apenas uma questão de tempo até que fosse encontrada.

Ela colocou a mão na lápide do túmulo e permitiu-se mais um momento para pensar no homem que estava enterrado ali e no homem que não estava. Pensou em seu mestre, o qual não conseguia mais sentir, e nos outros Jedi, cuja ausência era como uma eclusa de ar aberta em seus pulmões. Com determinação, ela a fechou. Parou de procurar por Anakin por meio da conexão que compartilhavam. Parou de se lembrar dos clones, os vivos e os mortos.

Virou-se e caminhou para a nave. Imaginou o que diria quando chegasse a um novo planeta e alguém lhe perguntasse quem era. Ela sabia que seu nome constava de uma lista de supostos criminosos. Ela não podia mais usá-lo com segurança. Não podia dizer que era uma Jedi embora, de qualquer forma, não pudesse mesmo afirmar isso de sua consciência. Ela abdicara desse direito. Agora, pagava duplamente o preço por sua renúncia. Pelo menos o assento de piloto ela conhecia. Sabia o que fazer quando estava sentada nele.

A nave zumbiu ao seu redor quando a ligou, e ela se concentrou nas coisas que sabia com certeza: ela era Ahsoka Tano, pelo menos por mais algum tempo, e era hora de partir.

*image
not
available*

vaporizador de umidade que deveria consertar naquela tarde e decidiu que passara tempo demais dentro de casa durante a semana anterior. A monotonia de uma comunidade agrícola estava começando a exasperá-la. Oh, os Jedi também tinham seus rituais e tradições estranhas, mas Ahsoka estava acostumada a eles. Raada era um novo tipo de tédio, e ela nunca suportou sentir-se entediada. Era hora de checar sua caverna e ver o que mais ela poderia encontrar na região.

Ahsoka embalou tudo o que precisaria para passar o dia na nova mochila que Neera lhe dera quando consertou a cafeteira na casa que a gêmea dividia com o irmão. Acondicionou um pacote de ração, mesmo tendo comida fresca, e prendeu o cantil ao quadril, bem ao lado de onde um de seus sabres de luz costumava pender. Embrulhou todas as peças de metal que havia coletado desde a última vez em que estivera na caverna e as guardou na mochila, colocando-a sobre os ombros. Era muito mais confortável que a anterior. Neera a havia modificado de modo que não roçasse contra seus montrais.

Enquanto Ahsoka se dirigia para fora da cidade, cruzou com muitos agricultores a caminho das plantações. Vários deles a cumprimentaram pelo nome Ashla, e ela retribuiu a saudação com um sorriso que não era nem um pouco forçado. Passou por todas as casas e os poucos jardins que ladeavam os limites da cidade. O motivo de os agricultores quererem cuidar do jardim em seu tempo livre estava além da compreensão de Ahsoka, mas ela tinha hobbies estranhos também – só que os dela eram segredo.

Não importa o que Miara dissesse, Ahsoka não achava que famílias e segredos eram coisas que combinavam, e ela tinha muito mais prática com segredos do que com famílias. Kaeden já havia começado a fazer perguntas importantes, sugerindo que gostaria

*image
not
available*

por saber com antecedência. Ela levantou-se devagar, esticando as regiões tensas do pescoço e joelhos, ergueu as mãos acima da cabeça. Seus dedos tocaram o teto da caverna e Ahsoka sentiu-se imediatamente centrada em seu corpo e na consciência física de suas imediações. Algo estava terrivelmente errado.

Ela deixou a caverna e, por mais que quisesse correr até o topo da colina, forçou-se a ser cautelosa. Postar-se em cima do próprio esconderijo seria precipitado e ela precisava tomar cuidado. Caminhou por vários minutos, o tremor nos ossos tornando-se cada vez mais pronunciado, e então escalou até o topo de outra colina.

Quando olhou na direção do assentamento, ela gelou. Pairando sobre as casas, superando-as em todos os sentidos, estava um Destróier Estelar Imperial. Ela podia ver naves menores emergindo de seus hangares e descendo até a superfície da lua. Ela sabia que eles carregavam tropas e armas e todo tipo de outros perigos.

Ahsoka achava que havia se distanciado o bastante. Pensou que tivesse mais tempo. Mas estava encurralada novamente, e precisaria descobrir o que fazer a seguir.

O Império havia chegado.

*image
not
available*

pinos que se projetavam do tabuleiro. Neera bufou. Seria difícil acertar a peça. Hoban buscou o ângulo de seu movimento.

– Eles também não conversaram com nenhum dos líderes de equipe – disse Vartan. – Fomos receber o pagamento e eles estavam lá, mas seja o que for que queiram, não tem nada a ver conosco.

– Ah – disse Hoban –, mas vai ter, não tenha dúvida.

Ele deu um peteleco em seu disco. A peça ricocheteou em um dos pinos e parou sem antes acertar a peça de Kaeden, então, ele a retirou do tabuleiro. Malat buscou o ângulo de seu peteleco e encaixou o disco no centro do tabuleiro com esforço imperceptível. Sua pontuação foi registrada no placar e a musiquinha de celebração soou. Ela mexeu em um fio até o som ser cortado.

– Eu os ouvi no posto de abastecimento – disse Miara. Seu tiro também não acertou a peça de Kaeden, então, ela removeu seu disco do tabuleiro. – Eles estavam questionando sobre o tempo que leva para as coisas crescerem e o quanto podemos plantar de cada vez.

– Até mesmo Imperiais precisam comer – disse Neera. – Você acha que soldados dão em árvores?

Um arrepio percorreu a espinha de Ahsoka.

– Os soldados são clones? – ela perguntou, esperando soar casual o bastante. Eles estavam sendo retirados do exército Imperial por causa da idade, ela sabia, mas se passara apenas pouco mais de um ano, então, era possível que alguns dos mais novos ainda estivessem em atividade.

– Acho que não – disse Vartan. – Eles não tiraram seus capacetes, por isso, não tenho certeza, mas os ouvi conversando entre si e

*image
not
available*

precisa se lembrar de todas as peças que foram jogadas, mesmo as que foram removidas do tabuleiro, porque algumas delas podem contar contra você no final.

Suas palavras deixaram Ahsoka desconfortável. Incomodava-a o fato de começar a pensar automaticamente em táticas. Ela se levantou da mesa e foi ler o aviso. Era, como suspeitava, uma lista de regras. Havia um toque de recolher em vigor agora, o que, entre outras coisas, tornaria quase impossível para aqueles que trabalhavam no turno da tarde comerem fora quando terminassem sua jornada. Eles teriam que comer em casa. Também havia regras proibindo reuniões acima de um determinado número de pessoas. Os Imperiais não estavam fechando as cantinas, mas limitavam as horas de funcionamento e restringiam a comida e o álcool disponíveis. Com a perda de negócios, seria apenas uma questão de tempo até que as cantinas fechassem por conta própria.

Era o que bastava para impedir que os habitantes locais se comunicassem e se organizassem. Era o que bastava para enfraquecê-los antes do golpe final. Era tudo que Ahsoka não achava que os agricultores de Raada pudessem combater. Cenários passaram por sua cabeça, ideias para insurgência e defesa. Relutantemente, desta vez se permitiu pensar nelas.

Ahsoka se afastou do aviso e deu espaço para os outros que queriam lê-lo. Abriu caminho por entre o grupo de pessoas estranhamente silencioso até onde seus amigos estavam sentados e, quando tomou seu lugar, retransmitiu o que havia lido. Ela não lhes contou nenhuma de suas conclusões sobre o significado das novas regras. Eles entenderiam, ou não, mas ela precisaria ter cuidado para ocultar sua experiência militar neste momento. Não era possível saber como isso poderia ser usado contra ela se os Imperiais descobrissem. Ela precisava guardar seus segredos o

*image
not
available*

- Certifique-se de seguir as novas regras - disse o segundo soldado. - Elas estão afixadas em vários pontos da cidade. Familiarize-se com elas.

- Farei isso - disse ela. - Tenham um bom dia!

Ela fechou a porta antes que eles pudessem dizer mais alguma coisa. Gostou como pareciam desconcertados com boas maneiras, embora a invasão de suas mentes provavelmente fosse responsável por parte da perplexidade deles. Ela ativou a fechadura com um rápido toque do dedo e o mecanismo reluziu em verde ao trancar a porta.

- Lembre-me de perguntar a Miara o que acontece se você for disparada - disse ela à fechadura, passando distraidamente a mão pelo painel de controle. Miara explicara que quem invadisse tomaria um choque, e Ahsoka não havia solicitado detalhes na ocasião. Neste momento, porém, provavelmente era uma boa ideia estar ciente das capacidades de todos ao seu redor.

Os Imperiais ainda estavam montando sua base. O Destróier Estelar se foi, ou pelo menos estava fora de vista, mas deixou para trás os alicerces de um prédio administrativo de bom tamanho e quartéis que poderiam abrigar várias dezenas de stormtroopers. Eles ainda não haviam tido tempo de bloquear o espaçoporto, e Ahsoka queria tirar sua nave dali antes que eles o fizessem. O único problema era que ela não tinha outro lugar para colocá-la.

Ela olhou para as partes do vaporizador. Ele poderia esperar.

Esvaziou o caixote de pacotes de ração - o pagamento de Kaeden pelo primeiro trabalho de reparo - dentro de sua mochila. Couberam quase todos, mas, após um instante, Ahsoka retirou dez e os depositou de volta na caixa. Precisaria de comida à mão, afinal. Ela acrescentou o último pacote de peças de metal ao topo

*image
not
available*

as ordens de um dos supervisores, que pareciam ser os únicos com quem os Imperiais falariam. Seria fácil bancar a trabalhadora oprimida e depois manipular o oficial um pouco quando ele estivesse distraído.

Ao mesmo tempo, ele poderia ter sido treinado para reconhecer os poderes Jedi quando fossem usados nele. Com os stormtroopers o expediente já fora bastante arriscado. Ahsoka não poderia tentar a mesma coisa com um oficial.

Ela poderia ir para casa e falsificar algumas credenciais, mas aí não conseguiria deslocar a nave até o dia seguinte. Cada minuto que esperasse poderia ser o minuto em que um dos Imperiais se lembraria de que estavam ocupando um planeta e deveriam agir de forma condizente. Ahsoka não podia esperar. Encaminhou-se para o pátio. Teria que ir em frente e resolver a parada sendo mais criativa. Ou melhor, *Ashla* teria que fazê-lo.

– Você aí, pare onde está – disse o oficial. Ahsoka tinha certeza de que ele estava tentando tornar sua voz mais grave do que era. – O que você está fazendo?

– Eu vim pegar a minha nave – disse Ahsoka. – Todas essas novas medidas de segurança estão me deixando nervosa. Quero manter minha propriedade onde só eu tenha acesso a ela.

– Garanto que a guarnição Imperial posicionada aqui manterá um alto nível de segurança neste espaçoporto – vangloriou-se o jovem oficial. – Sua nave estará segura.

Lentamente, e com considerável desprezo, ela o olhou de cima a baixo.

– Você é a segurança de alto nível? – ela perguntou. – Porque não inspira muita confiança.

*image
not
available*

jogo que Ahsoka não tinha visto antes. Em vez de todas as peças serem atiradas no tabuleiro uma a uma, cerca de metade delas era cuidadosamente posicionada. De fato, parecia muito com a base Imperial...

Ahsoka sentou-se e passou a mão sobre o tabuleiro, espalhando as peças.

– Ei! – revoltou-se Hoban. – Estamos trabalhando nisso.

– Dá pra gritar mais alto? – Ahsoka ralhou com os dentes cerrados. – Acho que não ouviram você em Alderaan.

Hoban teve o bom senso de parecer envergonhado.

– Ahsoka tem razão – disse Vartan. – Deveríamos ter mais cuidado ao discutir as coisas em público.

– Onde está Malat? – Ahsoka quis saber.

– Arrumando suas malas – informou Neera. – A família de seu marido encontrou trabalho para eles em Sullust. O Império também está lá, é claro, mas está mais estabelecido. Não temos ideia do que vai acontecer aqui, e eles concluíram que não era seguro com as crianças e tudo mais.

– É uma boa ideia, se você tem condições de partir – disse Ahsoka. – Mas muitos não terão.

– Você tem uma nave – lembrou Kaeden. – Pode ir embora quando quiser.

– Minha nave foi roubada – disse Ahsoka, emendando uma piscada. – Vai saber onde eu posso encontrá-la.

– Estou feliz por você ficar – disse Kaeden. – Não sei por que, mas tenho a sensação de que você é útil em situações como esta.

Ahsoka sorriu para ela e virou-se para olhar a irmã de Kaeden.